

QUEM SOMOS

Fazemos parte da *Corrente Proletária na Educação*. Trata-se de um movimento voltado à luta da juventude oprimida. Tem como objetivo organizar os estudantes secundaristas por meio das reivindicações que unificam os alunos das escolas públicas. Entre elas, a defesa da educação gratuita em todos os níveis; de um sistema único de ensino público e estatal, sob o controle de quem trabalha e estuda; da combinação dos estudos com o trabalho (4 horas na produção e o restante para os estudos e lazer) e de uma sociedade onde não haja uma minoria exploradora e uma vasta maioria da população explorada, portanto, de uma sociedade socialista.

A *Corrente Proletária Secundarista* realiza reuniões mensais, onde se discute o conteúdo do Boletim, sua distribuição, os problemas que estamos enfrentando, o movimento dos explorados em geral e as nossas campanhas.

Para participar, é só entrar em contato com o distribuidor desse boletim.

Por que existe o vestibular para ter acesso ao ensino superior?

O vestibular é como uma tesoura. Nós terminamos o ensino médio, mas estamos obrigados a prestar a prova de seleção para chegar à universidade. A grande maioria não passa no corte da tesoura. Isso porque as vagas são ultralimitadas, menos de 10% dos jovens conseguem subir o degrau do ensino superior. Conseguir uma vaga na universidade pública é quase como ganhar na loteria para nós, estudantes das escolas públicas. Portanto, o vestibular é um mecanismo de exclusão da maioria pobre.

Está aí por que é preciso lutar contra essa tesoura. Sozinhos, não temos força

para modificar essa seleção. A luta tem de ser coletiva, de todos os secundaristas, pelo livre acesso à universidade gratuita. Não aceitamos a justificativa de que abolindo o vestibular, cairá a qualidade da universidade. A defesa do ensino se faz com a elevação das condições de vida de toda a população. Por isso, a defesa do direito de acesso a toda juventude à universidade deve ser acompanhada das reivindicações de emprego e salário digno.

Pelo fim dos vestibulares e acesso direto e garantia de estudos à juventude oprimida.

ENEM, outra seleção

O governo criou o ENEM para classificar os estudantes. As universidades privadas e algumas públicas utilizam a nota dessa prova para selecionar os que podem e os que não podem chegar ao ensino superior. Pior ainda: o governo vem usando a nota do Enem como certificação para o ensino médio; assim, uma parcela de estudantes não precisa cursá-lo de forma presencial.

O problema está em que temos poucas vagas. E a seleção é a forma do gover-

no para eliminar. As faculdades privadas aproveitam o Enem para caçar alunos que podem pagar pelos seus estudos. O ENEM serve para o Prouni. E o Prouni serve para os empresários da educação não pagarem os impostos. Nós, estudantes, temos de ser contra todas as formas que impedem o livre acesso aos níveis de ensino, sejam elas o vestibular ou o Enem.

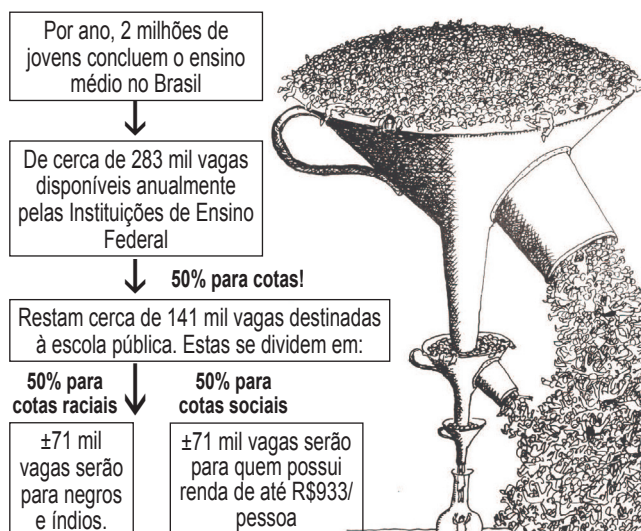
O direito ao ensino gratuito em todos os níveis tem de ser para todos. Isso é um direito democrático.

Cotas: uma forma de esconder a exclusão da maioria

Este ano, a presidente Dilma sancionou o projeto de lei que estabelece uma reserva de 50% das vagas nos processos seletivos de universidades e institutos federais para alunos que cursaram todo ensino médio em escola pública. Esses 50% serão divididos: 25% para cota racial e 25% para cota por renda (até um salário mínimo e meio por pessoa, ou seja, uma família de 4 pessoas deverá ter uma renda mensal máxima de R\$ 3.732,00).

Como é mostrado no quadro

ao lado, as cotas mantêm a exclusão da maioria. O governo manteve o restrito acesso à universidade e faz propaganda das cotas dizendo que é “inclusão social e racial”. Somente uma minoria de jovens pobres e negros chegará à universidade por esse critério. Há quem diga que antes pouco do que nada. Essa justificativa reforça a discriminação social, que mantém a maioria da juventude fora da universidade. Não se resolve a opressão sobre os negros



e pobres dando esmola para uma minoria. Nossa luta é para que todas as crianças se alfabetizem, que todos os façam o ensino médio e que todos cheguem à universidade pública.

A juventude deve se organizar politicamente e de forma independente dos governos. Deve defender:

Precisamos dos grêmios em todas as escolas

Na maioria das escolas, os grêmios estudantis estão desativados. Nas escolas em que existem os grêmios, estes estão sob o controle do diretor/coordenador. Assim, não há organização dos estudantes de forma independente. Por isso, não existem chapas e eleições para escolher os membros que comporão o grêmio na escola. Como os grêmios não funcionam, os estudantes não decidem sobre o funcionamento da escola e não decidem sobre o movimento secundarista. Nós alunos, vivemos alienados dos problemas que atingem a educação e a nossa vida (emprego, estudos, etc.). O Grêmio é a

forma organizativa para lutar pelas nossas reivindicações. Para isso, tem de ser livre do controle da direção das escolas, das diretorias de ensino e da Secretaria da Educação.

A UBES (União Brasileira dos Estudantes), entidade nacional que devia fazer uma campanha pela construção e fortalecimento de grêmios estudantis, tornou-se uma entidade de apoio ao governo. Por isso, é defensora do Prouni, Reuni, das cotas, dos vestibulares, etc.

Os problemas vividos pelos estudantes não são individuais, por isso, é necessário

se organizar politicamente por meio dos grêmios para responder aos problemas que existem nas escolas e na sociedade. É preciso dar o primeiro passo, nas escolas que não têm os grêmios, devemos conversar com os colegas e constituir uma comissão pró-grêmio para iniciar o movimento pela sua criação. Nas escolas que existem os grêmios, mas estão sob o comando da direção, temos de iniciar o movimento pela sua independência.

Organizar o movimento secundarista sob a base de grêmios independentes do diretor, coordenador e dos órgãos do governo.

Somente o trabalho e o emprego acabarão com a criminalidade

Nos últimos dias, cresce o número de assassinatos nos bairros de São Paulo. Inúmeras escolas têm suas aulas suspensas. Existe uma guerra social. De um lado, a polícia tem matado como nunca, invadido as favelas e os bairros pobres. De outro, a marginalidade tem aumentado. É uma verdadeira barbárie. A causa fundamental dessa guerra social está no apodrecimento do sistema capitalista. A fome, a miséria, o desemprego da maioria dos jovens, os baixos salários são as reais razões dessa explosão de criminalidades. Os governos só têm como solução o aumento da

violência policial. Isso não resolve. E logo mais a violência explodirá com mais força ainda. Sem erradicar a pobreza e dar acesso aos estudos e ao emprego a todos os jovens não tem como se acabar com essa guerra social.

Para responder à violência reacionária, a juventude deve defender que nenhum jovem fique fora da escola e fora do trabalho. E que a jornada de trabalho não seja mais do que 4 horas, para que se tenha o direito aos estudos e ao lazer. Só assim será possível defender a vida e o desenvolvimento físico e intelectual da juventude oprimida.

Atividades da juventude em luta

No dia 27 de outubro, fizemos a comemoração dos 95 anos da Revolução Russa. Ocorreu uma exposição dos principais acontecimentos que levaram à insurreição dos operários e camponeses, em outubro de 1917. A exposição foi intercalada com passagens do filme Outubro. Depois, houve o debate sobre esse importante acontecimento que destruiu o capitalismo e implantou o socialismo.

Participem das atividades! Venha construir conosco a Corrente Proletária secundarista!

Crise capitalista: privações à juventude oprimida

Nós estamos vivendo em um dos momentos mais conturbados das últimas décadas, em que nada parece estar caminhando harmonicamente, nem aqui em nosso país, nem no restante do mundo. Ouvimos falar em taxas de desemprego estratosféricas na Europa e nos Estados Unidos, em revoluções envolvendo milhões de pessoas nos países do Oriente Médio e norte da África, como Líbia, Tunísia, Egito, Síria, etc. Ouvimos também falar em grandes greves e mobilizações de trabalhadores contra o desemprego e os cortes de investimentos dos governos em serviços sociais, chamados de medidas de "austeridade". É preciso que a juventude comece a entender o que tudo isso significa.

O regime econômico predominante em todo o mundo é chamado de capitalismo. Este regime econômico, resumido de maneira bastante simplificada, baseia-se na exploração que

a classe burguesa exerce sobre a classe operária na compra da sua força de trabalho. Esta exploração ocorre porque a classe burguesa possui os chamados meios de produção em suas mãos, que são as fábricas, o conhecimento técnico de como se produzir e os recursos financeiros. Este sistema de exploração nunca pôde proporcionar um desenvolvimento pacífico e harmônico dos diversos países e classes sociais existentes, pois ao mesmo tempo em que gera grande acúmulo de riqueza de um lado, ao outro lado resta a pobreza e a privação. E é em momentos de crise financeira aguda que este sistema econômico, dominado pelos capitalistas, mostra sua verdadeira face.

A juventude precisa se mobilizar coletivamente para enfrentar os efeitos da crise, para garantir os empregos e os de nossos país, exigir o aumento de verbas públicas para a educação básica e o irrestrito acesso à universidade.